

ERA ASSIM A FOLIA DE MOMO ¹

Olga Rodrigues de Moraes von Simson *

Você me conhece? Era uma brincadeira típica do carnaval no século passado, conhecido como entrudo - primeira manifestação carnavalesca que existiu em nosso país. Era um conjunto de folguedos típicos das aldeias da Península Ibérica ligados às práticas sócio-culturais da Europa pré-cristã e para cá transplantados pelos colonizadores lusitanos.

A brincadeira era comum em pequenos aglomerados urbanos: um fantasiado tipo dominó, usando máscara no rosto, capuz e luvas, ao se encontrar com um parente ou conhecido começava a relatar, numa voz de falsete, aspectos íntimos da vida do interlocutor para, no final das descrições e insinuações soltar a frase: "você me conhece"? e afastar-se rapidamente.

Outra brincadeira de entrudo descrita pelo viajante John Mawe na cidade de São Paulo em 1807: "... homens e mulheres se divertiam atirando uns sobre os outros limões e laranjas de cera, cheios de água perfumada". Salientavam as batalhas aquáticas com seringas ou bisnagas ou até mesmo baldes ou tinas, quando os ânimos se exaltavam. Esta série de brincadeiras que formavam os jogos do entrudo eram realizadas nos três dias que antecediam o início da Quaresma, além do consumo de comidas típicas. Homens e mulheres brancos participavam igualmente da brincadeira. Um período usado pelas mulheres de família para expressar suas preferências amorosas de maneira mais clara e direta. Provavelmente muitos namoros e casamentos tiveram seu início nessa fase mais liberal do ano. Enquanto as mulheres negras escravas preparavam os limões e as laranjas de cheiro e serviam de alvo para os banhos e enfarinhamentos produzidos pelos homens negros e não podiam reagir a esses

¹ Textos de Olga Rodrigues de Moraes von Simson sintetizados pela jornalista Marília Balbi para *D. O. leitura/cultura*, nº 167, São Paulo, fevereiro de 1998, Imprensa Oficial do Estado – Secretaria de Estado da Cultura.

* OLGA R. DE MORAES VON SIMSON é professora de Sociologia na Unicamp, com doutorado na USP sobre As raízes socioculturais do carnaval paulistano - livro que será publicado ainda este ano. (N.T. este texto foi escrito em fevereiro de 1998).

ataques; as únicas atitudes que restavam era a fuga ou usar roupas velhas e desbotadas nesses dias festivos.

Carnaval Veneziano

A partir de 1855 uma nova maneira de festejar os dias de Morno foi introduzida em nosso país. Copiando costumes europeus (franceses e italianos), homens das camadas mais abastadas, principalmente estudantes universitários, profissionais liberais e ricos comerciantes, fundaram as Sociedades Carnavalescas, associações destinadas a promover grandes cortejos pelas principais ruas e praças dos centros urbanos e bailes luxuosos em hotéis, teatros ou em suas próprias sedes com a intenção de divertir o povo. Mas, tanto durante os desfiles formados por grandes carros alegóricos, animados por bandas e músicos, como nos animados bailes de máscaras as mulheres de família não podiam tomar parte ativa, ficando como espectadoras da folia de Morno. Postadas nas janelas dos grandes sobrados ou nos camarotes dos teatros para "assistir ao Carnaval", recebiam flores, doces, confeites, homenagens e bilhetinhos, mas não podiam participar ativamente da folia; embelezavam o cenário, como ainda é hoje, um foco de endeusamento por parte dos membros masculinos das associações, mas não tinham chance de se tornar "partners" ativas nas mascaradas.

O romancista José de Alencar, um dos promotores e grandes entusiastas dessa nova forma, "mais civilizada", de se brincar o carnaval, parece ter recebido reclamações de mocinhas de família, aliadas dos novos folguedos, pois em 1855 prometeu a elas: "que os diretores do Cassino iriam fazer um baile de máscaras, no qual elas pudessem tomar parte e não ser simples espectadoras como nos teatros" - em Encida - História do carnaval carioca.

As grandes folionas do carnaval à veneziana foram as "mundanas" (prostitutas e artistas de teatro), principalmente as de origem estrangeira que, já tendo algum conhecimento desse tipo de folguedo em seus países de origem, funcionaram como "professoras da folia" introduzindo os paulistanos rústicos, recém-enriquecidos pelo "boom cafeeiro", nas novas formas europeizadas de

festejar o deus Morno. Eram elas que, ricamente fantasiadas, adornavam os carros alegóricos nos préstitos carnavalescos e mais tarde dançavam e ceavam com os membros das Sociedades Carnavalescas nos bailes dos teatros ou dos hotéis de luxo. A propaganda carnavalesca publicada pelas sociedades nas vésperas do Morno nos jornais da época (Correio Paulistano, A Província de São Paulo e O Commercio de São Paulo entre 1885 e 1915) convidava carinhosamente as mundanas: "Diletas filhas do amor; Alai pois borboletas! Nymphas aia!! Vinde a nós todas! Filhas do pecado! Corre!, voa! aos nossos braços... ao prazer sem fim!"

As mulheres jovens das famílias abastadas, entretanto, não se conformaram por muito tempo com esse papel de deusas passivas da folia e nos primeiros anos do século atual caleças e tálburis começaram a desfilarem levando grupos de mulheres fantasiadas pelas principais ruas, praças e avenidas da cidade, nas tardes dos dias de Carnaval. Em São Paulo esse costume era conhecido como "fazer o giro do Triângulo", isto é, percorrer as ruas principais do centro urbano paulistano (ruas Direita, XV de Novembro e São Bento) ricamente fantasiadas, participando da folia sem, no entanto, se misturar com as camadas populares, pois o veículo mais elevado as mantinha isoladas e em nível superior. Mas como diz Jorge Americano, em São Paulo naquele tempo (1895-1915): "Durou pouco o curso na cidade. Entre 1910 e 1915 foi transferido para a Avenida Paulista". Na primeira década do século XX esta já começava a se definir como a artéria elegante da cidade. Ampla, arborizada, permitindo dupla mão de direção, abrigando os ricos palacetes de alguns fazendeiros e principalmente os dos imigrantes recém-enriquecidos, foi o palco escolhido pela burguesia para seu desfile carnavalesco, no qual as filhas casadoiras, ricamente fantasiadas, eram destaque sobre as capotas arreadas dos carros, as quais eram recobertas de belas colchas bordadas. A proteção familiar ao rebanho aparecia nitidamente, pois pais ou irmãos mais velhos, além do chofer, se faziam presentes em todos os automóveis.

Essa manifestação carnavalesca tinha para os membros da burguesia uma dupla função: permitia demonstrar publicamente, tanto para seu próprio estrato social, como para o povo em geral, seu poderio econômico expresso no carro importado, ricamente enfeitado com flores e ricas colchas bordadas e nas

fantasias das mulheres que ocupavam a posição de destaque do desfile. Maior liberalidade no folguedo propiciava o início de relacionamentos amorosos com a ajuda do lança-perfume, do confete e da serpentina, embora sob os olhares vigilantes da família.

Mais para o final do século XIX e já no início do XX, começaram a surgir os bailes populares em salões e teatros, onde os homens pagavam uma pequena taxa, mas a entrada das mulheres era geralmente gratuita. Esse era o grande divertimento das mulheres jovens de vida mais livre da camada popular; para as mulheres "de família" dos estratos mais simples só restava o papel de espectadoras dos desfiles burgueses ou o perseguido brinquedo do Entrudo, no período que antecedeu o aparecimento e o reconhecimento institucional dos folguedos populares.

Folião carnavalesco

O primeiro folguedo carnavalesco de caráter lúdico popular dos "negros crioulos", apesar de haver se originado das antigas procissões coloniais e não apresentar nenhuma mulher em sua estrutura, está ligado aos Caiapós - uma dança para representar a morte e a ressurreição do pequeno cacique caiapó.

A encenação foi realizada ao longo dos séculos 18 e 19, durante as pomposas procissões coloniais, ocasião em que a população normalmente dispersa do burgo paulistano se reunia na cidade para assistir aos cortejos que, por essa época, possuíam um caráter misto profano-religioso. A dança dos Caiapós, apesar de ser realizada pela população pobre e negra, era aceita nesses cortejos solenes e colocada como abertura nos mesmos, porque funcionava como atrativo reunindo a população para assistir e acompanhar as procissões.

Mas, em meados do século 19, seguindo orientação da Metrópole, o divertimento foi banido dos cortejos religiosos porque não condiziam com o espírito de tais manifestações, e os Caiapós foram proibidos de desfilarem nas procissões paulistanas. E foi encarada como coisa de "gente ruim", tendo de

buscar um novo espaço no calendário festivo da cidade. Assim, os "negros crioulos" da Paulicéia transferiram sua dança, a partir da década de 1890, para o período carnavalesco. Por volta de 1910 o folguedo desapareceu da cidade, mas permanece até hoje em centros urbanos das zonas mais pobres do Estado durante o Carnaval, como em Ilhabela, ou nas Festas de Natal, Reis, Divino Espírito Santo e Sábado de Aleluia em Ubatuba, Piracaia, Mairiporã, Itapetininga ou São José do Rio Pardo.

Por volta de 1914 surge o primeiro cordão carnavalesco chamado de Grupo Carnavalesco da Barra Funda, denominado popularmente de Camisa Verde. Os cordões logo se viram obrigados a registrar-se na Secção de Divertimentos Públicos da Prefeitura Municipal.

Mas dançar fora do período carnavalesco era atividade malvista e reprimida pela polícia. Seu Zezinho do Morro da Casa Verde, sambista que vivenciou este período, conta como eram os carnavais daquela época: "Antigamente, quando eu aprendi a tocá, eu era vagabundo. Não podia pegá no violão que era vagabundo. Só vagabundo que tocava, não é? Não se podia formá... cordão ou bloco... Então era tudo vagabundo e a polícia chegava e arreava o pau... Então a gente corria. A polícia aparecia lá, tinha que debandá todo mundo. Se deixasse os instrumentos eles rasgavam... Os cordões, os blocos eram exclusivamente negro. O branco não podia entrá porque eles ficava afetado... a própria polícia, quando via um branco no samba ficava olhando o branco de lado, já premeditando que o branco... quer dizer é ladrão, é vagabundo, essa coisa toda... Então nós corria. Mas tinha um lugar que eles não ia, era justamente na Vitorino Camilo, lá no fim... com a Conselheiro Brotero. Lá era tudo esburacado, então era lá que nós fazia samba".

Durante o período carnavalesco os desfiles só eram realizados no domingo e na terça-feira gorda pois a segunda-feira de Carnaval era dia normal de trabalho. Além disso não havia um espaço definido para a realização dos folguedos da população negra da cidade. Eles saíam dos seus bairros de origem (Barra Funda, Bexiga e Baixada do Glicério, Vila Esperança) e andavam pela cidade, buscando os locais onde as brincadeiras estavam mais animadas, o que lhes garantia segurança de que podiam desfilar sem sofrer repressão policial.

lam para a Avenida Paulista, onde o curso burguês realizava seu desfile, mas só andavam pelas calçadas, porque o centro da rua era reservado aos automóveis que levavam as famílias ricas, com policiamento impedindo o acesso ao espaço central de populares e de comerciantes de artigos carnavalescos.

Os grupamentos de origem africana tinham de obter de maneira informal o seu espaço, só se sentindo realmente seguros nos “salões da raça”, entre seus iguais. Nesse período, como os folgedos africanos não eram reconhecidos oficialmente pelo poder público, não havia qualquer tipo de subvenção ou ajuda financeira por parte da Prefeitura ou outro órgão público. Para reunir recursos para a montagem do desfile saíam a percorrer o centro da cidade, nos fins-de-semana do período pré-carnavalesco, angariando contribuições financeiras para cobrir os gastos do Carnaval. Era necessária a autorização dos delegados do bairro para os blocos saírem às ruas fora do período carnavalesco. E quando o tema apresentado pela agremiação no desfile carnavalesco tinha um caráter de crítica política, o próprio cortejo carnavalesco podia ser disperso com espancamento de seus integrantes.

Breque da esperança

Foi necessária uma resistência cultural, social e mesmo física para que aos poucos os negros fossem construindo suas próprias identidades. Um personagem é fundamental na conquista desse reconhecimento oficial do Carnaval de origem africana: a Escola de Samba Nenê da Vila Matilde. Os fundadores da escola de samba eram freqüentadores assíduos dos bailes de gafieira, conheciam e tinham amizade com outros negros de bairros diversos da cidade e já haviam acompanhado os desfiles carnavalescos de outros grupos no centro da cidade. Assim, embora economicamente fossem mais limitados do que seus vizinhos descendentes de espanhóis, possuíam, em termos de vivência carnavalesca, maior experiência e riqueza, o que lhes permitiu criar algo diferente e ousar, logo de início, uma integração ao universo mais amplo da folia momesca do centro urbano paulistano.

Luta e resistência, somadas às pequenas conquistas, até a oficialização do Carnaval há 30 anos no governo Faria Lima, em 1968. É que em setembro de 1967, já estruturados numa federação, que contava com urna diretoria, com gente da rádio e jornais mais populares da cidade, e com um conselho, integrado pelos sambistas da velha cepa (Seu Nenê, Inocêncio Tobias, Dona Eunice, Bitucha e Pé-Rachado), foram em comitiva solicitar ao prefeito Faria Lima (um carioca que compreendia e simpatizava com os folguedos carnavalescos populares) o apoio e a ajuda financeira necessários para a realização dos desfiles carnavalescos de 1968.

A grande força da Nenê da Vila Matilde era, até então, a sua bateria, introdutora da batida carioca no carnaval paulistano e especialista num tipo de samba cheio de "breques" que empolgava a torcida durante os desfiles. Foi com seus breques inesperados que a "Nenê", durante os anos 60, derrotou muitas vezes a Lavapés e a Unidos do Peruche. Nenê introduziu o ritmo e batidas cariocas, captados por Seu Nenê em visita ao Morro da Mangueira.

As escolas ao serem reconhecidas oficialmente são também transformadas em carnaval-espetáculo, capitalizado politicamente pelas autoridades e consumido pelos meios de comunicação, perdendo muito de sua autonomia. O padrão carioca, já testado com sucesso, é imposto pelas autoridades e a entrada no desfile, na década de 70, de novas escolas dirigidas por elementos brancos acentua o caráter de espetáculo hollywoodiano, em detrimento das raízes afro-brasileiras.

Ficha catalográfica

Ficha técnica

Memória do carnaval popular paulistano

Data e indicação do período	Período: diurno / noturno Carnavalesco / não	
Local:	Interno / externo Rua, avenida, praça Banho a fantasia	
Tipo:	Posada instantâneo Foto de estúdio / publicada em revista, jornal / isolada / montagem Close up / fundo / grupo em 1º plano	
Características:	Nítida Embaçada Pouco contraste	
Fotógrafo: _____	Doador: _____	Colecionador: _____

Galeria

Crianças vestindo costumes indígenas feitos com capim, com o rosto e o corpo pintados em azul e portando arco e flecha dançam o Caiapó em São José do Rio Preto no interior de São Paulo, conservando o costume dos estratos negros paulistanos dos séculos XVIII e XIX.



Dionísio Barbosa - Patriarca do carnaval paulistano. Fundou em 1914 o primeiro cordão carnavalesco de São Paulo com o nome de Grupo Carnavalesco da Barra Funda, mais tarde apelidado pelo povo de Camisa Verde, devido às cores de suas fantasias. Foto batida por ocasião da entrevista realizada pela equipe do M.I.S. em 1976.

Piquenique da Camisa Verde à praia do Gonzaga, em Santos, realizado em 23 de outubro de 1925. Membros do conjunto musical do agrupamento carnavalesco posam nos jardins próximos à praia, portando seus instrumentos musicais, como se estivessem interrompendo a execução de número musical para que a foto fosse batida. Na verdade parecem querer registrar sua condição de músicos que acompanhavam as apresentações do cordão carnavalesco e animavam os bailes realizados nos salões do cordão.



Ao centro Antenor de Souza (padrasto de Seu Zezinho) tocando clarinete, seu Máximo ao cavaquinho e Sebastiãozinho ao violão, todos músicos amadores que davam sua contribuição ao sucesso do cordão carnavalesco, almejando uma ascensão social via atividade musical.

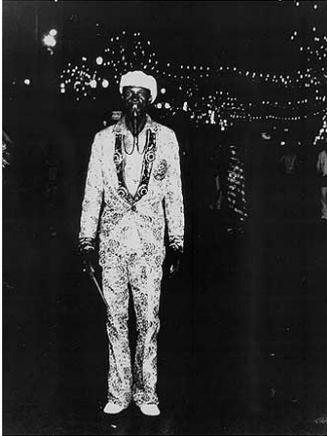


Outra foto do mesmo piquenique, desta vez na praia, de costas para o mar. Seu Vítor, um dos fundadores da Camisa Verde e elemento encarregado dos contatos com os vizinhos estrangeiros, um mulato alto e forte, exímio no cavaquinho e no contrabaixo, aparece nesta foto acompanhado por Seu Antenor no clarinete e por Seu Máximo ao violão. As roupas usadas pelos membros do Camisa diferem daquelas usadas pelas demais pessoas, distinguindo-os como membros de um grupo.

Alguns membros do Camisa Verde conseguiram levar avante seu projeto de ascensão social via atividade musical. Dois formaram suas próprias orquestras que se apresentavam em clubes e casas noturnas e Seu Zezinho do Morro da Casa chegou a ter, durante alguns anos, um conjunto musical que tocava nas emissoras de rádio paulistanas e excursionou



longamente pela América do Sul apresentando-se na Argentina, Chile e Paraguai. Esta foto, batida no estúdio da Rádio El Mundo de Buenos Aires, registra o sucesso do grupo Águias da Meia-Noite no exterior e foi utilizada posteriormente como peça de divulgação do grupo musical no Brasil. No exterior os membros do Águias da Meia Noite conseguiram se manter unicamente de suas atividades musicais, fato que não se verificava aqui no Brasil, onde tinham que concorrer com outros conjuntos musicais brancos, obrigando-os a manter uma atividade de trabalho paralela que ocupava dois terços do seu dia. O terço restante e a noite eram dedicados a atividades artísticas. O advento da televisão que exigia um período de ensaios muito mais longo, impedindo-os de realizar um trabalho regular paralelo, acabou determinando a dissolução do conjunto musical.



Pato N'água, famoso apitador do samba paulista, aqui fotografado em plena atividade na Av. São João. Era uma figura lendária cuja liderança determinava a vitória da agremiação por ele ensaiada. Ficava alguns anos à frente da Vai-Vai e quando julgava que esse cordão já havia ganho muitos carnavais "se bandeava" para o Camisa Verde, dando a vitória a este grupo por alguns anos e retornando a seguir ao "Orgulhoso da Saracura".

Outra figura importante do carnaval paulistano aparece nesta foto em atitude muito característica: Inocência Mulata, fundador e dirigente máximo do Camisa Verde, em sua segunda fase, aqui fotografado em pleno desfile de sua agremiação na década de 60. Dirigente no velho estilo, misturando autoridade e paternalismo, Inocência fornecia a fantasia para a maioria dos membros do cordão mas exigia obediência quase filial, não hesitando em usar seu



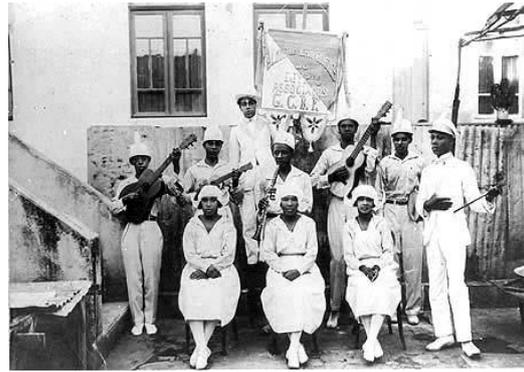
bastão quando o caso exigia. Nesta foto ele aparece durante uma das apresentações do Camisa, em plena Avenida São João, portando na mão direita o temido bastão.



Lembrança de um piquenique realizado pelo Camisa Verde à cidade de Santos em 1925. Seu Zezinho ao centro toca clarinete e sua mãe, Dona Maria Antonia Gonçalves posa com um cavaquinho. Apesar de se tratar de uma atividade de lazer não ligada ao carnaval, os membros do grupo

carnavalesco usavam roupas semelhantes e portavam um chapéu de copa arredondada e aba pequena (em primeiro plano, aos pés do menino) que parece ser a marca do agrupamento. Ao posar tentavam marcar a sua condição de músicos de uma agremiação e não de simples participantes de um convívio. Talvez a apresentação como agrupamento carnavalesco fosse a maneira de evitar discriminação social.

"Bloco Camponeses do Egito" formado por membros do grupo Carnavalesco Barra Funda, o popular Camisa Verde no início da década de 20, para participar do baile realizado na sede do cordão na segunda-feira de carnaval, dia em que não havia desfile de rua pois o trabalho era obrigatório. Nesse dia formavam-se vários blocos entre os associados do Camisa para participar de um concurso interno que escolhia o bloco melhor fantasiado. Pela foto percebemos que essa era uma atividade muito valorizada pelos membros do cordão, pois havia cuidadosa preparação para ela, com confecção de fantasias e de estandarte, além de ensaios de apresentação final. A foto foi batida no quintal da casa de um dos membros do bloco, antes de se dirigirem para o salão do Camisa Verde.



Década de 30 - Seu Livinho, um dos fundadores do Vai-Vai e na época aclamado como Primeiro Apitador de São Paulo, responsável pelos ensaios e pela coordenação das apresentações do agrupamento carnavalesco, posa, nesta foto, fantasiado de Cossaco, Tema do Vai-Vai em 1933. Ao seu lado Benis, um dos diretores do Vai-Vai. Observe-se que na boca Seu Livinho porta o famoso apito, marca de sua autoridade na agremiação e do renome de que gozava nos meios carnavalescos paulistanos.

1935 - Seu Nenê de Vila Matilde, um dos maiores dirigentes carnavalescos paulistanos, aqui aparece em sua primeira experiência de carnaval de rua. Aos nove anos de idade, de calça branca, camisa listrada e quepe branco, Seu Nenê posa em primeiro plano, no centro da foto, integrando o Cordão Santaninha do Alto da Vila Esperança, originário de um clube de futebol de várzea existente em Vila Santana, na zona leste de São Paulo. Aqui o cordão posa antes de se dirigir para o desfile principal na Avenida São João.





1949 - Primeiro desfile da Escola de Samba Nenê da Vila Matilde. Seu Nenê é o primeiro à direita, o baliza é seu irmão Didi. São ao todo dezoito integrantes, praticamente só a bateria, o baliza e uma menina, espécie de mascote. O desfile desse ano só foi possível porque um dos

clubes do bairro de Vila Esperança, o Clube Atlético Guarani, forneceu as camisas e mandou confeccionar a faixa com o nome da escola. Em contrapartida a escola de samba animava, com sua bateria, os bailes do clube e o desfile que este realizava pelas ruas do bairro entre as matinês e as soirées.

1950 - Segundo ano de desfile da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde. Observe-se a transformação: número de participantes, fantasias, instrumentos, estandartes e baliza. São doze mulheres, vinte e quatro homens e uma criança (um sobrinho do dirigente). Este aparece



sentado em primeiro plano, à esquerda, segurando os joelhos com ambas as mãos. Nesse segundo ano de desfile já podemos notar a participação de alguns elementos brancos no desfile - todos do sexo masculino.



Outra foto batida na mesma ocasião. Eles costumavam registrar fotograficamente a montagem do desfile, ainda no bairro de origem, antes de se dirigirem ao centro da cidade para a apresentação principal. Nesta foto pode-se notar a grande influência que os cordões exerciam sobre as recém-

criadas escolas de samba que, surgidas como reflexo do relativo sucesso de suas homônimas cariocas, com elas, entretanto, praticamente não mantinham contato. O modelo básico continuava sendo o cordão, por isso a Nenê apresentava nesse ano um baliza e dois estandartes, elementos inexistentes no esquema carioca.

1953 - Quinto ano em que a Escola de Samba Nenê da Vila Matilde desfila. Observa-se o crescimento numérico e em criatividade carnavalesca. São agora quarenta e seis elementos: trinta homens e dezesseis mulheres, todas negras ou mulatas. Os homens, com exceção de dois, são também negros



ou mulatos. Observa-se que a escola desfila nesse ano com um estandarte e uma bandeira (influência carioca) mas mantém três balizas (elemento típico do cordão). Note-se a maior sofisticação das fantasias quando comparadas com as dos anos anteriores: os homens com cartolas e fraques em tecido acetinado e as mulheres com vestidos longos e coroas.



1954 - Ano do IV Centenário de São Paulo, o que significa uma ajuda bem mais substancial por parte da Prefeitura para a montagem do desfile carnavalesco. A escola desfilou com cinquenta e três componentes: dezesseis mulheres e trinta e sete homens, contando entre eles duas

crianças. Registro fotográfico realizado após o desfile, permitindo observar-se uma diversificação maior das fantasias: três balizas, uma baianinha, o rei e a rainha, além dos trajes masculinos e femininos da maioria dos integrantes. Apesar de posada, nota-se também nessa foto um clima de maior descontração: risos, cochichos e a taça em mãos da Segunda mulher à esquerda comprovam que a foto foi feita após o desfile, registrando o sucesso da agremiação num ano de importância muito grande. É importante registrar que a escola desfilou, pela primeira vez, nesse ano, com um tema marcadamente afro: Zumbi dos Palmares.

1954 - Dois destaques da escola posam em estúdio fotográfico do bairro. Enredo do ano: Zumbi dos Palmares. Nessa foto pode-se notar a preocupação da escola em manter no desfile um componente fundamental, introduzido na fase dos cordões: o reinado, formado pelo rei e rainha e demais nobres da Corte. Nesse ano o problema da adequação desses elementos ao enredo é resolvido pela inclusão da Princesa Isabel e do Conde D'Eu (ambos na foto) o que representava grande incongruência histórica, pois tais figuras viveram



em séculos diversos, mas o que estava importando era a inclusão dos nobres na apresentação, por parte do fotógrafo, para criar uma ambientação carnavalesca para a foto e que os modelos (Didi e Preta) posassem para a posteridade revelando orgulho e felicidade.



1956 - A escola continua crescendo. Neste ano já são setenta e oito componentes. A foto foi realizada após o desfile, no quintal da casa do pai de Seu Nenê, local de reunião dos integrantes da agremiação, pois esta ainda não possuía quadra ou sede própria. A taça, nas mãos de uma das componentes, à esquerda, comprova o sucesso da entidade e explica os semblantes alegres. É a primeira vez que a escola vence um campeonato e novamente com um tema em que as raízes africanas puderam ser resgatadas: Casa Grande e Senzala. Observa-se nas fantasias uma crescente diversificação: além do baliza, o próprio corpo da escola foi nesse ano subdividido em dois grupos: o da Casa Grande e o da Senzala, expressos através de roupagens diferentes tanto para homens como para mulheres, o que permitiu uma melhor explicitação do enredo.

1961 -- Novamente os componentes fundamentais do Reinado aparecem aqui em pleno desfile nesse ano, personificando D. Pedro I e a Marquesa de Santos. À direita da foto podemos observar Seu Nenê na função de dirigente da escola, andando ao lado e orientando o desfile. Observe-se sua roupa que, tendo um ar carnavalesco, não é, entretanto, uma fantasia, mas demonstra sua autoridade dentro do grupo. Pode-se observar também na foto a satisfação pessoal dos dois componentes da escola ao desfilarem como destaque e a admiração respeitosa das crianças do bairro.



1961 - Primeira foto em que aparece um desfile de rua da Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, realizado no bairro de Vila Esperança, no local onde hoje está o viaduto. Esta é uma foto de grande valor para o pesquisador pois demonstra claramente a aceitação do folguedo pelo

bairro de origem. A mancha branca no centro da foto é a escola desfilando. Todo o resto, na rua, nos postes, nos telhados, nos terraços, é o povo do bairro prestigiando o desfile do seu agrupamento carnavalesco. A escola havia sido tricampeã nos desfiles no centro de São Paulo e fazia aqui o seu agradecimento à ajuda recebida da comunidade local. Tema do desfile desse ano: A Marquesa de Santos. O carro alegórico que se pode discernir ao centro da foto representa a coroa da marquesa

1961 - Desfile em Vila Esperança: Ala das baianas; ao centro Didi, irmão de Seu Nenê, antigo baliza, aqui representando o Bobo da Corte. Observa-se por esta foto o desenvolvimento da tendência de aproximação sempre maior ao modelo carioca;



tentativa de introdução da ala das baianas, supressão dos balizas que inexistiam no desfile do Rio de Janeiro mas a manutenção do reinado que pode ser entrevisto ao fundo, com vários nobres desfilando.



1961 - Desfile em Vila Esperança: Ala das pastoras. Por esta foto pode-se perceber que nesse ano o desfile contou com duas alas femininas: a das pastoras, representando a aristocracia, e a ala das baianas, personificando o povo. É a visão dos sambistas da sociedade imperial brasileira

dentro do tema A Marquesa de Santos.

1962 - Tema do desfile: A Escrava Isaura. Ala dos passistas. Ao centro da foto aparece um dos fundadores da Escola Tóquio, dirigindo a ala. Observe-se como ele, na função de dirigente, não se fantasia e porta ainda um bastão, símbolo da autoridade. Pode-se constatar, comparando esta foto com outras



de anos anteriores, que a década de 60 foi das mais difíceis para a manutenção dos agrupamentos carnavalescos negros devido à quase completa escassez de verbas oficiais, reiteradamente negadas pelo prefeito Prestes Maia, muito preocupado em completar o seu plano de reurbanização da cidade. Vê-se claramente o reaproveitamento de elementos de fantasias dos anos anteriores na montagem dos disfarces deste ano: chapéus e sombrinhas.



1963 - Tema do desfile deste ano: Enaltecendo uma raça. Novamente o componente afro é enfatizado na montagem do enredo da escola de samba, traço característico da Nenê de Vila Matilde, uma das primeiras escolas paulistanas a enfocá-lo reiteradamente. Observa-se nessa foto os

instrumentos da bateria: três cuícas abrindo o desfile e três chocalhos de vara, criação de elementos da própria escola, cuja característica é a de misturar o caráter de alegoria com o de instrumento musical. Vê-se também ao centro da escola a porta-estandarte que na sua vestimenta e na maneira de carregar o pavilhão da escola começa a se assemelhar ao modelo carioca.

1964 - Tema do desfile: Paes Leme o bandeirante. Os indispensáveis Rei e Rainha continuam ocupando lugar de destaque no desfile. Vemos ao fundo a porta-estandarte e, pela primeira vez, um mestre-sala. Essa foto é muito importante pois registra visualmente o



processo de substituição do casal mais importante, no estilo paulista (Rei e Rainha), pelo seu correspondente, no estilo carioca (Mestre-Sala e Porta-Bandeira). Nesse ano, ambos os casais aparecem no desfile, um logo após o outro, mais ainda o Rei e a Rainha parecem ocupar a posição principal. Ve-se também na foto, ao centro e em segundo plano, Seu Nenê tocando frigideira, junto à bateria da escola. Pode-se observar por esta e outras fotos a importância fundamental da bateria para o sucesso do desfile. Seu Nenê, dirigente máximo do agrupamento carnavalesco, está sempre próximo ao grupo da bateria durante o desfile, apesar da existência de um diretor específico para a mesma. Sendo a bateria a responsável pela manutenção do ritmo de todo o desfile, sempre foi também, na Nenê da Vila Matilde, um dos fatores fundamentais do sucesso da escola, o que explicaria o cuidado especial do dirigente com este item do desfile.



1964 - A bateria da escola fechando o desfile na Vila Esperança. É interessante observar-se como ela ainda mantinha por essa época a utilização de instrumentos de sopro, tradição original dos cordões. Observe-se ainda a larga utilização de chocalhos de vara e de mão. O

público do bairro prestigia o desfile da escola assomando aos terraços, vindo para as calçadas e seguindo o agrupamento ao fim do cortejo a pé ou em caminhões. Observe-se que nessa foto Seu Nenê e Tóquio, o dirigente da bateria, desfilam vestidos inteiramente de branco, sem o paletó de tecido acetinado que nos anos anteriores lhes dava um certo ar de pompa e autoridade. A roupa toda branca estava ligada a uma série de conselhos fornecidos por um pai-de-santo de Niterói, consultado pela direção da escola para tentar neutralizar as artes da quimbanda que uma escola concorrente estaria usando, nos anos anteriores, para prejudicar a Nenê de Vila Matilde.

1965 - A bateria desfila sob a chuva mas seu público fiel não abandona a escola e prestigia a agremiação mesmo sob aguaceiro. A foto registra uma situação muito desfavorável para a escola de samba que podia facilmente desclassificá-la, pois



as chuvas fortes de verão destruíram grande parte da encenação carnavalesca: fantasias, alegorias, adereços, carros alegóricos, feitos geralmente de tecido, papelão e recobertos de tinta solúvel em água e purpurina, além de borrar toda a maquiagem dos componentes. A presente foto demonstra a valorização que a Nenê sempre deu ao seu público mais fiel - o do bairro de origem. Podia se abster de desfilar no bairro devido ao mau tempo, mas não o fez. Observe-se também na foto outro modelo de chocalho de vara, em forma de foguete, belo exemplar de artesanato carnavalesco aqui registrado.



1967 - Tema " O Tronco do Ipê. Ala das pastoras. No centro aparece Dona Inês Camargo, uma das pioneiras da escola, que posteriormente ocuparia a posição de dirigente da ala das baianas, um componente fundamental em qualquer escola de samba, pois guarda a tradição e homenageia o elemento feminino, básico na cultura afro-brasileira. Observe-se que aqui Dona Inês já iniciava o processo de criação da referida ala, pois não mais aparecia como pastora e sim como baiana.

1968 - Primeira foto de desfile noturno. Em primeiro plano aparece o Rei Luisão e ao fundo um passista e um tocador de surdo. A legenda da foto fornecida por Seu Nenê diz: "Depois de 68 ficou muito convencido, queria que fosse buscar de carro em casa e então foi afastado." Conhecendo o processo evolutivo do carnaval paulistano poderíamos aventar uma outra explicação também válida: 1968 foi o ano da oficialização do carnaval de São Paulo com a conseqüente imposição, pela Prefeitura, de um estatuto seguindo o modelo carioca. Nesse novo tipo de carnaval a figura do rei não mais tinha importância, sendo o casal real substituído pelo Mestre-Sala e Porta-Bandeira.





1960 - Tema: Despertar de um gigante. Carro alegórico com clara função laudatória homenageando a construção de Brasília e a exploração petrolífera nacional. Vê-se na foto a figura do empurrador de carro alegórico, função que posteriormente teve de ser remunerada pois os carros foram aumentando de tamanho, exigindo grande esforço físico dos empurradores e impedindo qualquer

participação lúdica dos mesmo no desfile. Nesse ano a Nenê, introduzindo carro alegórico no desfile e se aproximando assim do modelo carioca, consegue ser campeã.

1964 - Tema: Paes Leme o bandeirante. Carro alegórico muito maior e bem melhor realizado. Escultura de quase dois metros de altura, com riqueza de detalhes e denotando bom nível de elaboração artística. O modelo para o trabalho, pode-se perceber, são as ilustrações contidas nos livros didáticos. Esse tema hoje dificilmente seria escolhido pois com a conscientização e politização dos grupos sambistas, através da atuação dos Movimentos Negros, a figura do bandeirante é vista como um inimigo não só do povo indígena mas também do negro, dada a sua nítida atuação escravagista.



1969 - Tema: Com Recife antigo no coração. Baseado na obra de Manuel Bandeira, o desfile desse ano incluiu um busto do poeta sobre um pequeno carro alegórico. Observa-se, no segundo ano de carnaval oficializado, a escolha pela escola de um tema mais erudito, talvez na busca de uma integração a uma estética mais geral da sociedade mais ampla. Observe-se que a escultura não possui caracteres de arte popular mas segue padrões eruditos vigentes na sociedade global.

1969 - Tema: Com Recife antigo no coração. A ala das holandesas, lideradas por uma jovem branca, se apresenta em frente ao palanque das autoridades. Observe-se que o elemento branco penetra no desfile já ocupando posição de destaque que lhe é espontaneamente oferecida pelos sambistas.



1969 - Desfile no Vale do Anhangabaú. Ao fundo a bateria da escola e em primeiro plano o principal elemento da ala das holandesas, que carrega uma espécie de estandarte confeccionado com fitas coloridas. Mulheres jovens e brancas no desfile indicam que, com a oficialização acontecida no ano anterior, a sociedade mais ampla passou a encarar o folguedo negro com novos olhos. A Nenê tendo sido campeã em 1965 e 1968 e então muito valorizada.

1974 - Tema: Samba, carnaval e flores. A busca de aceitação pela sociedade mais ampla faz com que a escola abandone os temas afro-brasileiros para focalizar um assunto mais leve e de penetração mais geral. Além disso os postos de Mestre-Sala e Porta-Bandeira são entregues a elementos



brancos, acentuando o processo de incorporação da classe média do bairro aos desfiles da Nenê. Nesse período de transição em que as escolas de samba começavam a receber os primeiros estudantes universitários em seus ensaios e a incorporar alguns deles em seu desfile, a direção resolve oferecer alguns postos de destaque a elementos brancos no sentido de cativá-los e mantê-los em seus quadros por mais longo tempo. Observa-se a falta de jeito da porta-bandeira branca para empunhar o símbolo da escola.



1974 - Esta foto registra a saída da quadra de ensaio, que pode ser vista, e a montagem do desfile da agremiação. A Nenê de Vila Matilde foi a primeira escola de samba paulistana a possuir uma quadra coberta de ensaios. Construída por seus membros em um terreno vazio existente em Vila Matilde, quase em

frente à casa de seu dirigente, criou um litígio legal com a Prefeitura a quem pertencia o imóvel. Na foto podemos notar a participação de pelo menos três elementos brancos, em posição de destaque, no desfile da escola.

1974 - Saída da escola para o desfile. Esta foto é interessante porque documenta a participação da porta-bandeira branca designada pela direção da escola, ao lado da porta-bandeira negra preterida no desfile desse ano.



1975 - A supremacia dos elementos brancos em posição de destaque no desfile foi uma experiência rápida e transitória. Os dirigentes logo perceberam que existiam postos-chaves no folguedo que não poderiam ser delegados inteiramente a brancos, a não ser que estes

apresentassem dotes excepcionais ou passassem por longo período de treinamento. Assim, a bateria, os postos de passista, mestre-sala e porta-bandeira, além da ala dos compositores foram mantidos pelos elementos negros. Observe-se que Inês, a nova porta-bandeira que iniciava sua atuação nesse importante posto num ensaio na quadra em 1975, mesmo num registro estático como o fotográfico, transmite movimento pela forma de segurar a bandeira, de gingar o corpo e através da expressão facial. Ela se manteve como titular absoluta no posto desde 1975 até a data em que recolhemos o material fotográfico - 1981.

1978 - Desfile na Avenida Tiradentes. Esta foto já denota a existência de cabines para os juízes (à esquerda), iluminação feérica e, o mais importante, a plataforma para as câmeras de TV, o que fez com que o espetáculo carnavalesco pudesse ser consumido por um público muito mais amplo. Aparecem também na foto os fotógrafos das grandes revistas que, registrando e divulgando o evento no país e no exterior, fizeram com que o ato de desfilar, como destaque de uma escola de samba, se tornasse algo desejável por membros dos estratos sociais mais elevados, pois fornecia notoriedade instantânea, via meios de comunicação. O samba havia deixado de ser manifestação sociocultural de negros e mulatos para ser incorporado pela sociedade global transformando-se no símbolo da propalada democracia racial brasileira.



1964 - Relação da escola de samba com o bairro de origem. Observe-se como para essa apresentação na Sociedade Amigos do Bairro de Vila Matilde a escola se apresentou com todos seus componentes negros, não havendo nenhuma preocupação de adequação a uma estética mais branca e burguesa. A foto tenta passar uma idéia de alegria e movimento e foi, ao que parece, propositalmente passada.

1974 - Visita do Secretário de Turismo da Prefeitura e sua equipe à quadra da Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, durante uma festa de meio de ano. A foto registra o reconhecimento da escola como um agrupamento carnavalesco importante no nível das autoridades municipais. Registra



também o trabalho de bom relacionamento desenvolvido pela direção da escola, junto aos poderes executivo e legislativo, no sentido de regularizar a posse do terreno onde haviam construído a quadra de ensaios.



1968 - Relação da escola de samba com o público mais amplo. Quadra da escola, roda de samba realizada para a obtenção de fundos para o desfile carnavalesco. A Nenê de Vila Matilde foi a pioneira em São Paulo na construção de quadra de ensaios coberta e na realização

de ensaios pagos como forma de obter recursos financeiros. Pode-se observar, já nessa data, grupos de jovens brancos participando do samba, o que mostra uma valorização desse tipo de divertimento pela sociedade mais ampla, como forma de lazer, fora do período carnavalesco. Foi a camada mais jovem e mais intelectualizada que iniciou esse processo, também em São Paulo, copiando o modismo carioca.

1969 - Relação da escola de samba com o público de outras cidades. A Nenê de Vila Matilde era com freqüência convidada a fazer apresentações em cidades próximas a São Paulo. Esta foto foi realizada na



concentração, antes do início de um desfile realizado na cidade de Santos e denota o prestígio da escola no panorama do samba paulista. Tendo sido campeã nos padrões cariocas de desfile, foi convidada pela cidade praiana a se apresentar para seu público, que sempre valorizou muito o samba carioca.



1975 - Relação da escola de samba com coirmãs cariocas. Visita da bateria da escola de samba Padre Miguel à quadra da Nenê de Vila Matilde. A foto registra um esforço a mais na busca constante de aproximação dos padrões cariocas de desfile. A

bateria mais famosa do Rio de Janeiro é trazida com transporte pago e pequeno cachê para os componentes. O objetivo é que ela se apresente para os membros da escola e confraternize durante animado churrasco com a turma da Nenê. Assim se passava o "know-how" do samba de um centro urbano a outro, ainda antes das grandes e detalhadas transmissões televisivas. Era uma forma agradável de transmissão do saber carnavalesco, numa ocasião informal, sem competição. Resultado desse tipo de esforço da diretoria da escola: a bateria da Nenê, com o tempo, tornou-se a mais afamada de São Paulo e é tida até hoje como uma das que mais se aproxima da bateria carioca.

Década de 60 (1965 ou 66) - Entrega dos prêmios do desfile de carnaval ofertados pela Companhia Antarctica Paulista. Período difícil para o carnaval paulistano que na primeira metade da década não contou com nenhuma ajuda oficial. O carnaval era realizado com o patrocínio de firmas industriais ou comerciais o qual, entretanto, era aleatório criando um clima de incerteza no mundo do samba. Na foto aparecem os diretores da Companhia Antarctica entregando uma taça a Inocência Mulata, dirigente da Escola de Samba Camisa, velho amigo e companheiro dos "salões da raça", além do compadre e sócio de Inocência numa banca de jornais da Barra Funda.



Foto que registra a premiação do carnaval de 1965 ou 1966. Toda a cúpula do samba paulista desse período aparece nessa foto: Mala, Carlão do Peruche, Seu Nenê, Inocência e Madrinha Eunice posam alegres junto ao dirigente da Antarctica e as taças e troféus ofertados naquele ano. Este é um registro valioso para os pesquisadores do carnaval paulistano, pois atesta que na década de 60 a cúpula dirigente do samba paulista ainda era inteiramente negra. Os únicos brancos na foto são os dirigentes da Companhia Antarctica Paulista.

1970 - No nível do bairro de origem também os apoios eram buscados no setor comercial e junto às associações de bairro. Aqui vemos Seu Nenê com os diretores da Sociedade Amigos de Vila Matilde. Ao lado dele, à direita, aparece o dono do Palácio dos Enfeites, um amigo e benfeitor da escola de samba. A foto indica o reconhecimento e aceitação dos folguedos populares negros, localmente, pelas lideranças brancas, após um período de atritos entre o grupo carnavalesco e alguns vizinhos mais preconceituosos. O registro visual demonstra também o grande esforço da direção da entidade negra, realizando uma espécie de trabalho de relações públicas, em vários níveis, assegurando assim um espaço para o agrupamento carnavalesco. Nota-se que quem se veste mais formalmente nesse encontro é o dirigente sambista.





1977 - Relação da Nenê de Vila Matilde com escolas de samba menores. Visita da Escola de Samba Flor de Maio, "lá dos lados da Vila Maria", à quadra da Nenê, para ser batizada. A foto permite avaliar a importância da Nenê de Vila Matilde perante suas coirmãs paulistas.

Registra a Cerimônia do Beijo das Bandeiras que sela a relação de apadrinhamento entre duas entidades sambistas. Essa relação permite a troca de "know-how" entre as duas agremiações, a cessão de fantasias, adereços e alegorias de anos anteriores, para auxiliar a afilhada que geralmente adota as mesmas cores da escola madrinha. A escola menor pode, em contrapartida, contribuir, se necessário, com elementos para engrossar as alas da escola madrinha no desfile principal, pois desfilando em categorias diferentes apresentam-se em dias diversos dentro do Tríduo de Momo.

1969 - Desfile no Anhangabaú. A foto registra a participação do prefeito Faria Lima, um carioca, que no ano anterior havia oficializado o carnaval e na foto aparece prestigiando com sua presença o desfile das escolas de samba. Além de oficializar o desfile a Prefeitura iniciou,



por essa época, o processo de transformação do desfile em espetáculo para o grande público. Pode-se notar a existência de palanque previamente preparado e, do lado esquerdo, uma decoração de rua, fato até então inexistente.



1975 - Desfile na avenida São João. A Ala das baianas, finalmente consolidada, aparece ao fundo da foto. Dona Inês, a veterana sambista da Nenê de Vila Matilde, conseguiu realizar o seu sonho e assume a direção da ala que é tradicional no desfile carioca pois engloba as veteranas do desfile.

1975 - Aqui vê-se o caráter de carnaval-espetáculo, assumido pelos folguedos do sudeste brasileiro, já completamente implantado com grandes arquibancadas, iluminação adequada, decoração cuidada e pista desimpedida. Observe-se também a importância dada pelos componentes para o registro de sua participação no desfile: eles se voltam para serem melhor fotografados. O carnaval-participação da época dos cordões, quando o brincar e o divertir-se também estavam integrados à apresentação da agremiação, deixou de existir.



1975 - O luxo e o brilho começam sua penetração no desfile paulistano. As figuras tradicionais do Rei e da Rainha, originárias do reinado dos cordões carnavalescos, ainda apareciam como destaques, enriquecendo a apresentação da Escola de Samba Acadêmicos do Tatuapé, que nesse ano apresentou o enredo "Rei por um dia". Ao fundo, a diretoria; pode-se ver um palanque para os juízes, o que atesta o processo de organização e institucionalização do desfile carnavalesco em novas bases.

1961 - Relação da escola de samba com o "show-business". A foto registra a participação da escola em programa da antiga TV Excelsior, canal 9, cujo enredo se passava numa favela carioca. Note-se o tipo diverso de foto, enfocada do alto, de maneira a exigir equipamentos mais sofisticados só existentes na emissora de TV. Observando-se o grupo de componentes enviados pela direção da escola de samba carioca, nota-se uma certa discrepância em relação à composição da escola. Até então a escola de Seu Nenê era praticamente toda negra, mas o grupo de representantes enviado à TV Excelsior apresenta mais um quadro de elementos brancos. Teria sido uma exigência dos produtores do programa ou um esforço da direção da escola para se adequar aos padrões da estética televisiva?



Referências Bibliográficas

AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo (1895-1915)**. São Paulo : Ed. Saraiva, 1957.

ENEIDA. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira, 1958.

Bibliografia

VON SIMSON, Olga. Dança do caipó: origem do carnaval popular paulistano. **D.O. leitura**, São Paulo, v.8, n.93, p 12-13, 1990.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Folguedo carnavalesco, memória e identidade sócio – cultural. **Resgate**, n. 3, p 53-60, 1991.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne (Org.) **O fotográfico**. São Paulo: CNPq, 1998. p. 21-34.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Mulher e carnaval: mito e realidade (análise da atuação feminina nos folguedos de Momo desde o entrudo até as escolas de samba). **R. história**, São Paulo, n 125-126, ago-dez 1991 a jan-jul 1992, p 05-09.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. O negro paulistano enquanto folião carnavalesco e sua longa trajetória em busca da cidadania. **Estudos afro-asiáticos**, n 13, Cadernos Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1987, p 61-78.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Os poderes públicos e a imprensa na transformação do carnaval paulistano do século XIX. **Cadernos Ceru**, n 1, 2ª série, 1985, p 65-78.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Som e imagem na pesquisa qualitativa em ciências sociais: reflexões de pesquisa. In: SEMINÁRIO “PEDAGOGIA DA

IMAGEM, IMAGEM NA PEDAGOGIA, Niterói, 1996. **Anais...** Niterói: UFF, Faculdade de Educação, Departamento de Fundamentos Pedagógicos, 1996. p 88-101.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Transformações culturais, criatividade popular e comunicação de massa: o carnaval brasileiro ao longo do tempo. **Ciências sociais hoje**. v. Trabalho e cultura no Brasil. Org. Leoncio Martins Rodrigues, ANPOCS/CNPq, 1981, p 303-318.

VON SIMSON, Olga; GUSMÃO, Neusa Mendes de. A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente. **Ciências sociais hoje**, São Paulo, Vértice/ Ed. Revista dos tribunais/ ANPOCS, 1989, p 217-243.